

Apresentação

Voltados à crítica da cultura e à intervenção política para a instauração de renovadas perspectivas no que concerne às práticas sexuais-textuais e às relações de gênero, os discursos feministas têm sido, em sua diversidade de formas e propósitos, sensivelmente marcados por um senso de localidade espaço-temporal. É o que evidencia um rápido olhar sobre alguns desses discursos. Já na primeira metade do século XX, Virginia Woolf inaugura a crítica literária feminista no mundo anglófono ao manifestar sua reivindicação através da imagem de “um teto todo seu”, ressaltando as necessidades materiais das mulheres escritoras. Após os anos 60, a segunda onda do feminismo, seguida pelo momento atual, por vezes denominado pós-feminismo, retoma as reflexões pelo viés espaço-temporal. Para citar apenas algumas das metáforas configuradas nesses discursos, mencione-se o “território selvagem” ocupado pela crítica feminista; a necessidade de explorar o dito “continente escuro” da sexualidade feminina (numa releitura de Freud); as três dimensões dos “tempos das mulheres” em relação às práticas feministas; um “outro lugar” (*an elsewhere*) estratégico para intervenção na cultura; o “campo minado” da crítica feminista; o “circuito integrado” formado pelas conexões entre as mulheres. A partir da década de 90, surgem as idéias do feminismo na “zona de contato”, de maior mobilidade dos sujeitos feministas em uma dinâmica espaço-temporal caracterizada pelos nomadismos e diásporas.¹

Seria impossível, nesse breve esboço, propor uma reflexão aprofundada sobre os pontos em comum entre as metáforas espaciais e temporais listadas.

¹ Cf. Virginia Woolf, *Um teto todo seu* (1929); Elaine Showalter, *A crítica feminista em território selvagem* (1981); Hélène Cixous, *Sorties: out and out: attacks / ways out / forays* (1975); Julia Kristeva, *Women 's time* (1981); Teresa de Lauretis, *Technologies of gender* (1987); Annette Kolodny, *Dancing through the minefield: some observations on the theory, practice and politics of a feminist literary criticism* (1980); Donna Haraway, *A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century* (1985); Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes: travel writing and transculturation* (1992); Rosi Braidotti, *Nomadic subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory* (1994); Inderpal Grewal, *Transnational America: feminisms, diasporas, neoliberalisms* (2005).

Contudo, não será arriscado afirmar que todas partem da observação crítica de que as várias expressões culturais codificam e disseminam práticas, valores e paradigmas que envolvem relações assimétricas entre os sujeitos na história, especialmente no que toca as relações de gênero em suas localizações circunstanciais em termos de tempo e espaço, ou seja, em termos da história. E também que essas dimensões espaço-temporais buscam oferecer projeções alternativas à repetição dessas mesmas práticas, valores e paradigmas.

Os trabalhos reunidos neste número temático de Leitura – *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística*, Os (não)lugares da representação de gênero, oferecem reflexões sobre as representações e construções de gênero na literatura contemporânea de autoria feminina, em diálogo ou não com outras linguagens, e a partir de uma perspectiva crítica feminista. O eixo norteador das discussões consiste na observação e análise, em narrativas literárias narrativas, das construções de dimensões alternativas (como as utopias, as distopias, os não-lugares, os outros lugares), que têm sido recentemente teorizadas no âmbito dos estudos culturais e literários, e da observação crítica das implicações dessas representações nas negociações culturais de gênero.

Do panorama da literatura brasileira, são apresentadas leituras dos romances *O lustre* (1946), de Clarice Lispector, *Ciranda de pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles, *O quarto fechado* (1984), de Lya Luft, *As doze cores do vermelho* (1987), de Helena Parente Cunha, *Muito além do corpo*, de Luzilá Gonçalves Ferreira (década de 80); *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, *A audácia dessa mulher* (1999), de Ana Maria Machado, *Mundo Perdido* (2006), de Patrícia Melo. Já em se tratando da produção em língua inglesa, as

análises estão centradas nos romances *In Country* (1985), da autora norte-americana Bobbie Ann Mason, *The Handmaid's Tale* (1985, com tradução em português *A História da Aia*), da canadense Margaret Atwood, *Sexing the Cherry* (1987), da britânica Jeanette Winterson, e *Brick Lane* (2003), da escritora mulçumana radicada na Inglaterra Monica Ali. Os contos "The evening, and the morning and the night" (1985) e "Bloodchild" (1987, traduzido como "Os hospedeiros"), da também norte-americana Octavia Butler, são enfocados em dois dos artigos.

Em relação aos direcionamentos dos olhares críticos aqui reunidos, Sandra Regina Goulart Almeida observa os espaços gendrados representados pelas mobilidades contemporâneas na ficção de autoria feminina em um contexto transnacional, com a leitura de *Brick Lane*, de Monica Ali. Os deslocamentos diaspóricos e as identidades transnacionais são retomados na resenha dos romances *Desirable Daughters* e *The Tree Bride*, de Bharati Mukherjee, apresentada por Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa, ao final do volume. Também as convergências entre gênero e espaço são exploradas por Sinead McDermott, que reflete, a partir da leitura de *In Country*, sobre as formas pelas quais as subjetividades gendradas e o espaço social interagem e mutuamente se constituem, e pelas quais essas relações são representadas na ficção.

Questões relativas à representação de processos e espaços identitários permeiam as leituras de Ana Margarita Barandela e de Carlos Magno Gomes, sendo que a primeira enfoca, na obra de Conceição Evaristo, a busca de identidade da protagonista Ponciá Vicêncio, sujeito marcado pela dupla exclusão em termos de sua ancestralidade étnica e de seu gênero. Gomes, por sua

vez, preocupa-se com a representação do não-lugar da identidade de gênero na ficção de autoras brasileiras como forma de resistência ao patriarcado e como uma proposta pedagógica da literatura.

As reconfigurações de gênero contidas nas utopias e distopias feministas oferecem o ponto de partida para as discussões de Ildney Cavalcanti e Lucia de La Rocque, Ana Cecília Acioli Lima, e Anunciata Sawada e Lucia de La Rocque. Cavalcanti e de La Rocque apontam, com o estudo do conto distópico “The evening, and the morning and the night”, de Octavia Butler, a estratégica reutilização de questões situadas entre a natureza e a cultura, entre fatores essencialistas e anti-essencialistas nas construções de gênero. Em seu artigo, Lima, por sua vez, defende “que o conceito clássico de utopia é insuficiente para dar conta das narrativas utópicas feministas” ao observar as estratégias narrativas de *Sexing the Cherry* (1987), de Jeanette Winterson. Aproximando as narrativas de Margaret Atwood e Octavia Butler, Sawada e de La Rocque apontam as formas pelas quais essas autoras fazem confluír questões relativas à maternidade e reprodução com os eixos de domínio e submissão.

As narrativas brasileiras contemporâneas de Luzilá Gonçalves Ferreira, Ana Maria Machado e Patrícia Melo são propulsoras das leituras de Andréa Pereira de Moraes, Lúcia Osana Zolin e Leila Wanderléia Bonetti Farias, e Lúcia Osana Zolin. Moraes salienta, em *Muito além do corpo*, de Luzilá Gonçalves Ferreira, uma escrita que busca recompor a história das mulheres, em um processo em que identidades são desconstruídas e novas possibilidades apontadas. Zolin e Farias observam a ficção de Ana Maria Machado em termos da abertura de espaço para uma forma renovada de representação de gênero em

relação à personagem do texto canônico de Machado de Assis. E Zolin lê *Mundo Perdido*, de Patrícia Melo, como uma narrativa intimamente entrelaçada com a trajetória de diversas figuras femininas conscientes do lugar que ocupam na sociedade contemporânea, o que aponta para a crescente relação de complementaridade entre os sexos, anunciada com o proporcional declínio do patriarcado.

De modo geral, trata-se de estudos que exploram novas significações das construções espaço-temporais presentes nas narrativas contemporâneas de autoria feminina e que, em última análise, agem no sentido de proporcionar uma melhor compreensão de como percebemos o mundo e o nosso lugar nele a partir de uma ótica gendrada.

De forma bastante apropriada em se tratando de um volume que enfoca a produção contemporânea de autoria feminina, a seção *Criação* apresenta às leitoras e leitores o conto inédito “Uma longa noite de angústia”, de Ana Cecília Acioli Lima.

Ildney Cavalcanti